

PMDB só discute sua crise

"Fico" de Sarney desarticula partido que não esconde racha



Expedito Machado e Hélio Duque: críticas à direção do partido

Lavando roupa na Constituinte

O PMDB, ou o Governo do PMDB, visto por peemedebistas nas sessões da Constituinte das duas últimas semanas:

— O cinismo é mais grave do que o cinismo da ditadura — João Cunha (SP), sobre a fraude na concorrência da Ferrovia Norte-Sul.

— Eles foram chegando devagarinho, invadindo e comparando a história do PMDB — Hermes Zanetti (RS), se referindo, entre outros, ao líder do Governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (BA), ex-pedessista como o próprio presidente José Sarney.

— O PMDB continua na luta pela moralização da administração pública e não aceita acusação de conivência — Paulo Macarini (SC), vice-líder, eximindo o partido de responsabilidade no episódio da Norte-Sul.

— Oxalá tenhamos condições políticas para manter as instituições democráticas até 15 de novembro de 88 — Maurílio Ferreira Lima (PE), defendendo diretas no ano que vem.

— V. Exa. solidarizou-se com a fraude, com a mentira e com a violência — Hermes Zanetti (RS), para o deputado Ulysses Guimarães, que visitara o presidente da Comissão de Sistematização, senador Afonso Arinos, a fim de prestar-lhe solidariedade após o tumulto provocado por Sant'Anna, que acabou impedindo a votação do projeto que determinaria uma auditoria na dívida externa.

— Sarney quer porque quer ficar cinco anos no poder. Mudou a Nação, ou mudou o presidente, da transição, que agora quer também ser o presidente da pós-transição? — Vasco Alves (ES), sobre o discurso do "fico".

— O Presidente, mostrou claramente a sua face. O perigo em política é quando o homem a esconde — Del Bosco Amaral (SP), em defesa da fala presidencial.

— Não será o presidente Sarney, que está cumprindo um mandato de transição, que vai determinar a essa Assembleia Nacional Constituinte o tamanho do seu próprio mandato e o sistema de Governo — Cristina Tavares (PE).

— O PMDB tem que reconhecer a sua responsabilidade de pai do presidente Sarney. O êxito da Aliança Democrática é o êxito do

PMDB — Roberto Cardoso Alves (SP).

— Nós somos ou não somos uma Assembleia Nacional Constituinte? — Hélio Duque (PR), sobre "a fala do trono".

— A resposta ao Presidente será a nossa definição. Fico com a tese dos cinco anos — Roberto Rollemberg (SP).

— Com a busca do apoio dos fisiológicos, o presidente Sarney divide o PMDB — Ademir Andrade (PA).

— Quem apostar na divisão do PMDB vai perder todas as fichas. O partido se divide historicamente, mas sabe votar unido nas grandes questões nacionais — Ibsen Pinheiro (RS), vice-líder.

— Somos obstinados perseguidores da unidade partidária — Expedito Machado (MA), ao apresentar ao plenário o manifesto do Centro Democrático, contra a cúpula do partido, assinado por 100 peemedebistas, segundo ele.

— Se aqui é o local da luta, aqui ela será travada. Se não tivermos medo de caras mais feias que as que aqui transitam, não será hoje que teremos medo dos arreganhos de quem quer que seja. Que ninguém pense que está tratando com um partido que não tem compromisso com a lei, a liberdade, a Constituinte. A nossa dignidade emana de mais de 20 anos de luta — Mário Covas, rebatendo ataques do líder do PFL, José Lourenço (BA), ao PMDB.

— Não é com omissão, com falta de comando, que se constrói um governo. Ao contrário, é com credibilidade, austeridade, competência e seriedade. E é exatamente isso que falta ao Governo Sarney — Hélio Duque (PR).

— Esta Casa, violentada, não pode aceitar esse mercado persa de compra e vende, dá ou desce — Hélio Duque (PR), sobre a ameaça de fisiologismo do Palácio do Planalto.

— A aliança que o presidente Sarney quer fazer é uma aliança com o fascismo, a extrema direita, contra o Brasil — Antero de Barros (MT).

— O presidente Sarney incorre numa inverdade ao dizer que não tem o apoio do PMDB. Ele só é presidente porque se filiou ao partido, o que foi engolir um sapo enorme, ele que vinha da presidência do PDS — Antero de Barros (MT).

— Não creio que se possa barganhar a duração do mandato com cargos — Mendes Ribeiro (RS).

— Ou o PMDB submete seus governadores ao programa partidário, ou a vaca vai para o brejo — Francisco Küster (SC), sobre a negativa dos governadores em disparar o gatilho e a repressão policial aos servidores públicos em greve.

— Constituição nova, governo novo. Este deve ser o lema do PMDB — Nelson Aguiar (ES).

— Esse partido tem que deixar claro que os que marcharam nas subcomissões com os conservadores e retrógrados não têm o direito de se identificar com o PMDB — Octávio Elisio (MG).

— Quando o povo deu ampla maioria ao PMDB nas últimas eleições certamente não foi para impedir a reforma agrária, manter o sistema corruptor e manipulador dos meios de comunicação de massa, deixá-los soltos os aglotes e tubarões — Jorge Hage (BA).

— A Comissão Executiva do PMDB precisa reafirmar os seus compromissos à Nação. A Aliança Democrática é hoje um cadáver insepulto, com o PFL se unindo à direita para derrotar as aspirações do povo — Oswaldo Lima Filho (PE).

— Para nós não existe qualquer incompatibilidade em integrar o Governo e permanecermos fiéis ao discurso de campanha — Miro Teixeira (RJ).

— Sarney tem avançado muito no campo social — Oswaldo Sobrinho (MT).

— A reforma agrária já foi assumida pelo País e não seria com constituintes do PMDB desonrando o programa do partido que ela iria retroceder — Antero de Barros (MT), sobre os peemedebistas que votaram contra o anteprojeto de Oswaldo Lima Filho na Subcomissão da Reforma Agrária.

— Vive hoje o meu partido, o drama shakespeariano do ser ou não ser — Hélio Duque (PR).

— O PMDB começou ontem uma ofensiva para repetir a triste trajetória do PDS — Maurílio Ferreira Lima (PE), sobre a reunião de Ulysses com os moderados do partido para combinar a ação de defesa do mandato de cinco anos para o presidente Sarney. No passado, o PDS foi responsabilizado pela derrota das diretas já.

ADRIANO LAFETÁ
Da Editoria de Política

Cada vez mais, desde o discurso do "fico cinco anos" do presidente José Sarney, o PMDB ocupa a tribuna da Constituinte para lavar sua roupa suja, desnudando a sua vida íntima onde deveria discutir um problema mais amplo e grave: a crise política, econômica, financeira e social do País. Compromete, assim, a sua própria condição de partido majoritário, ao revelar-se uma frentista sem ponto de união.

Na primeira sessão plenária seguinte ao "dia do fico", nas sete oportunidades que teve de usar a tribuna, o PMDB, mostrando-se surpreso com a fala de Sarney, que é o presidente de honra do partido, deixou claro também que está irremediavelmente rachado. Não houve preocupações nem em manter as aparências. O radicalismo impediu tanto do lado dos que estavam com Sarney como nas fileiras dos que preferiam contestá-lo.

O PMDB tem 305 dos 559 constituintes. Se insistir em usar temas como o mandato presidencial, o sistema de governo e a ferrovia Norte-Sul para se digladiar, não deixará espaço para discutir a conjuntura nacional a sério. E também não estará contribuindo, no plano interno, para crescer como partido. Ao contrário, acabará fornecendo mais agulhas e linhas para a costura do bloco sarneysista da Constituinte.

Além, foi da tribuna da Assembleia Nacional que o deputado maranhense Expedito Machado teceu longas críticas à cúpula do partido e revelou contar com mais de 100 assinaturas de peemedebistas "inconformados com a falta de rumos claros na busca de uma solução para a crise". Tratava-se, na verdade, do Movimento Centro Democrático, uma espécie de facção pró-Sarney. Mas será que os outros dois terços seriam uma força contrária?

Há os que vêem o presidente como um pára-queda no PMDB. Há os que não questionam a origem de Sarney e lhe emprestam apoio crítico. Há os que vieram com ele da Arena e do PDS. Enfim, há de tudo. Até fisiológicos que se apressaram em defender a política do loteamento de cargos públicos

entre os amigos do rei. "Nada mais lógico", disse, por exemplo, o deputado José Mendonça de Moraes (PMDB/MG), ressaltando ser covardia estar com o Governo nas horas de sucesso e contra as decisões impopulares.

O deputado talvez quisesse lembrar seu próprio partido de que é majoritário na Constituinte graças a uma época recente de inflação zero. Mas o PMDB que denunciou uma manobra de banqueiros internacionais e nacionais para derrubar Dilson Funaro do Ministério da Fazenda, escolheu Bresser Pereira, mas não lhe garante o tapete. Hélio Duque, do Paraná, é um dos que acham a política econômica irresponsável.

E é das contradições na interpretação da crise nacional e nas direções de soluções apontadas que o partido desce para suas contradições internas. "Não será com constituintes do PMDB desonrando o programa do partido que a reforma agrária irá retroceder", disse Antero de Barros (PMDB/MT). "O meu PMDB não é o mesmo desses oito que derrubaram o monopólio estatal do petróleo" na Subcomissão de princípios gerais e intervenção do Estado, emenda Hélio Duque, PMDB/PR.

Chumbos do PT, PDT, PCB, PC do B e do próprio PMDB na cartucheira, Oswaldo Lima Filho, peemedebista de Pernambuco, mirou esta semana o Centro Democrático e acabou acertando também o PFL, PTB, PDS, PL e PDC. Mas não foi por acaso. Ele subiu à tribuna com o firme propósito de cobrar desses seus alvos a derrubada de projetos, durante a votação das subcomissões no último fim-de-semana, que asseguravam significativas mudanças sociais.

"Goste dela ou não, o PMDB é o dono da Constituinte e tem que assumir", rebateu Amaral Netto (PDS/RJ), aludindo à maioria absoluta que o partido detém na casa. Só que ele próprio sabe que não é bem assim. Bom sinal disso é o pânico que se forma quando o PMDB anuncia que vai se reunir. Nunca se sabe qual será o resultado e a cautela acaba prevalecendo, com sucessivos adiamentos e tentativas de evitar uma tomada de decisão comum que, ali sim, seria fatalmente imposta à Constituinte e ao País.



Lima Filho solidariza-se com ala esquerda do PMDB

Lima: Apóio Covas para a Presidência

Recife — O deputado Oswaldo Lima Filho (PMDB/PE), que foi o relator da Subcomissão de política Agrícola e Reforma Agrária da Constituinte, disse ontem que está inteiramente solidário com as articulações da ala esquerda do PMDB, no sentido de encampar a candidatura do senador Mário Covas à sucessão do presidente José Sarney.

Ele disse que não participou da primeira reunião do grupo, que contou com a presença de 17 parlamentares na casa do deputado e ex-ministro da Justiça Fernando Lyra, em Brasília. Porém, por considerar o senador Covas "a maior figura política do País, neste momento" o deputado Lima Filho afirma que está solidário com o grupo.

Para ele, o líder do PMDB na Constituinte tem se comportado com absoluta fidelidade aos interesses da maioria do povo brasileiro, e sem trair o programa do partido. Por isso, frisou, é o candidato natural do PMDB à Presidência da República.

No tocante à Assembleia Constituinte, porém, o deputado pernambucano revela grande preocupação com o avanço do bloco conservador, que está conseguindo unir nas votações o chamado "Centro Demo-

crático" do PMDB, o PFL, o PDS, o PTB, e o PL.

Essa aliança tem conseguido barrar o avanço dos constituintes progressistas, como foi o caso do próprio parecer do deputado Lima Filho, rejeitado quase que por unanimidade por propor mudanças radicais na questão da propriedade da terra.

Se esse avanço não for contido, o constituinte pernambucano acredita que a futura Constituição poderá ser mais retrógrada e conservadora do que a atual.

Já o relator da Subcomissão de Tributos, Fernando Bezerra Coelho (PMDB-PE) não revela preocupação com a possibilidade de a próxima Constituição da República ser mais conservadora que a atual. Ele acha que a Constituinte está trabalhando em toda a sua plenitude, e abrindo espaços para a participação de todos os segmentos da sociedade que porventura queiram influir na elaboração da Nova Carta.

Para ele, o confronto que houve em algumas subcomissões já era esperado, mas não tem dúvida de que no encerramento dos trabalhos o País será dotado de uma Constituição moderna, progressista e à altura dos anseios da grande maioria do povo brasileiro.

Parlamentarismo e 5 anos estão em alta

Salvador — Mandato presidencial de cinco anos e o parlamentarismo como forma de governo Esta é a tese que prevalecerá nas discussões da Assembleia Nacional Constituinte e será adotada pela futura Constituição do País, segundo previu ontem o deputado Genebaldo Correia, presidente do PMDB da Bahia.

Genebaldo explicou que já existe, na Constituinte, uma forte base parlamentar constituída pelo PFL e por parte do PMDB disposta a votar pelo mandato de cinco anos e um outro grupo numeroso de deputados que, embora não tenha compromissos com a duração do mandato, defende o parlamentarismo.

APOIO

Esse último grupo, então, negociaria o apoio ao mandato de cinco anos em troca do apoio ao parlamentarismo, conforme imagina Genebaldo Correia, estabelecendo dessa forma o predomínio das duas teses e sua adoção tranquila pela Constituinte.

Correia estima que mais de 60% dos constituintes já estão com essa posição, "embora ainda haja espaço para discussões sobre o tipo de parlamentarismo a ser adotado". Os pressupostos básicos do sistema, porém, segundo ele, deverão ser mantidos, a exem-

plo da existência do primeiro-ministro e do voto de desconfiança pelo Parlamento.

O próprio Genebaldo Correia já apresentou, inclusive, uma emenda ao relatório da Subcomissão sobre Sistema de Governo que não exclui os ministros militares do gabinete mas os isenta do voto de desconfiança individual e plural, mantendo-os submetidos apenas ao voto de desconfiança coletivo.

Preservando-se os ministros militares de serem derrubados sozinhos ou com alguns outros integrantes do gabinete, Correia entende que se pode evitar crises desnecessárias.

Com relação à construção da Ferrovia Norte-Sul, Genebaldo entende que o presidente Sarney deveria remeter ao Congresso a discussão sobre a prioridade e a viabilidade da obra. "O Presidente daria uma demonstração de apreço ao Congresso transferindo para ele a decisão sobre um assunto que ficou tão polêmico", disse Genebaldo.

O assunto, segundo ele, seria discutido em regime de urgência e, dispondo da base parlamentar que tem no Congresso, o Presidente poderia até ver aprovada a construção da ferrovia. "De outra forma, a obra vai permanecer sendo contestada durante todo o tempo", concluiu.

José Fogaça quer definir o mandato

Porto Alegre — A urgente realização da convenção do PMDB para determinar a duração do mandato presidencial é "imprescindível e fundamental" não só para o partido e o próprio presidente Sarney como para a Constituinte e o País, na opinião do senador peemedebista José Fogaça. Ele advertiu ontem que sem uma definição, através da convenção, o PMDB terá suas dissidências agravadas e o Presidente ficará na insegurança de só saber seu tempo de mandato ao final da Constituinte. Para o País, segundo Fogaça, é fundamental porque a definição deve vir acompanhada de um programa econômico a ser cumprido. E a Constituinte necessita para evitar que a indefinição, forçando constantes discussões, atrapalhe seus trabalhos.

Fogaça argumentou que o PMDB não possui meios internos para eliminar as dissensões, por isso, disse não ter dúvidas de que só a convenção poderá evitar a continuidade dos confrontos internos. Além disso, alertou que se não tomar logo uma decisão, o partido correrá o risco de desgastar frente à sociedade, já que dividido não usará sua maioria absoluta para auxiliar o Governo do País.